



# II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

## **CIDADANIA, HISTÓRIA E RUA: os contextos sociais que percorrem a mensagem dos pixadores e grafiteiros**

**Karolyne Antunes de Souza<sup>1</sup>**

Resumo: Este artigo procura entender e analisar a mensagem do pixo que é transmitida ao transeunte. Para isto, se torna necessário entender o local (geográfico/urbano, social, idade e racial) que estes meninos e meninas se encontram. Esta pesquisa tem como foco o cenário dos pixadores do DF (Distrito Federal).  
Palavras-chave: Pixação; Urbe; Grafite.

“Pixação” com “x” é um termo usado em protesto à “pichação” com “ch”, pois a palavra influencia em uma leitura mais suja, das ruas. O pixo tem várias vertentes, sendo uma arte personalizada pelo próprio autor. Um dos objetivos deste artigo está em abrir o debate na academia sobre a forma de comunicação da cidade (urbe), a partir dessas apropriações ou ressignificações entendidas como ‘pixação’.

Pixar (ou grafitar) é o ato de comunicar através do inesperado, surpresa. Um dos elementos de provocação do pixo. O trabalhador comum que transita pela cidade e vê uma pixação, ele não espera que essa grafia vá comunicar com ele ou com seu dia-a-dia. A verdade é que o que a urbe nos apresenta, afeta diretamente nossos dias, seja direta ou indiretamente.

O pixo se torna o sujeito da própria comunicação, é vivo. Independente da intenção do autor, ela comunica de uma forma diferente para cada leitor. Não se trata do pixo ser ilegal ou legal, trata-se de um movimento, uma tendência que ultrapassa os muros geográficos.

Você deve estar se perguntando porque é importante compreender o processo comunicacional da pixação e do graffiti. Trabalhar a pixação e o graffiti vandal vai além de uma análise comunicacional. Muitos pixadores e estudiosos do tema, encontram uma lembrança dos tempos de escola. A escola pública, seja ela no primário ou no ensino médio, sempre teve a pixação presente nos muros. Alunos das periferias de Brasília que queriam ser lidos, enxergados por uma massa que passa e não vê, vê e não sente, encontraram nessa arte

---

<sup>1</sup>Faculdade de Comunicação Social/ Universidade de Brasília – FAC/UnB. [Karolantunes09@gmail.com](mailto:Karolantunes09@gmail.com)  
Trabalho orientado por Pedro David Russi.



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

de rua seu lugar de visibilidade. Seria essa discussão um pontapé inicial para abrir o debate sobre pixação na academia?

A principal ferramenta para obter informações acerca do tema foi a realização de entrevistas com pixadores e ex-pixadores do DFE (Distrito Federal e Entorno), trazendo o ponto de vista de dentro do movimento, dando propriedade às falas. As entrevistas foram captadas em áudio e posteriormente transcritas para análise e comparação, de acordo com o seguinte modelo:

| PESQUISA    | QUESTÕES          | ENTREVISTA | MODELO  | ABORDAGEM    | RESPOSTAS      |
|-------------|-------------------|------------|---------|--------------|----------------|
| Qualitativa | Semi-estruturadas | Aberta     | Roteiro | Profundidade | Indeterminadas |

Pixar (ou grafitar) é o ato de comunicar através do inesperado, surpresa. Um dos elementos de provocação do pixo. O trabalhador comum que transita pela cidade e vê uma pixação, ele não espera que essa grafia vá comunicar com ele ou com seu dia-a-dia. A verdade é que o que a urbe nos apresenta, afeta diretamente nossos dias, seja direta ou indiretamente.

Segundo as autoras Sylvia Cavalcante e Terezinha Façanha (2011, pg. 66), a apropriação do espaço urbano se dá através de um processo psicossocial que é o de reconhecer o lugar como “seu”. Veja, quando o indivíduo é moldado e adaptado às necessidades de orientar e preservar sua identidade é quando se transforma em apropriação da cidade. O sujeito exerce o domínio sobre um espaço e/ou objetos que considera seu.

Por fim, as duas autoras concluem que apropriar significa apego ao lugar/vínculo/identidade de lugar. Importante lembrar do pensamento de Chambart de Lauwe (1976) apud. Sylvia Cavalcante e Terezinha Façanha (2011, pg. 67), onde diz que a apropriação exige uma confirmação contínua de reapropriação, pois ao abandonar suas conquistas, o sujeito corre o risco de sofrer desapropriação. Por isso o movimento da pixação



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

não pode e nem vai parar. Pixação é o ato de transgredir, modificar e ressignificar um espaço ou ideia de espaço.

Como conclui Alexandre Barbosa (2012, pg. 63), percorrer a cidade sob a perspectiva da pixação é estar atento à paisagem, observar muros, edifícios, monumentos. Resignificar a própria compreensão do que é comunicação e o que pode comunicar e de que forma. É preciso mudar a forma de se enxergar a urbe e saber ler o que cada imagem e escrita quer nos dizer. Saber que isto é o que a cidade quer nos falar. A compreensão de mundo, de cidade, saber onde se está andando. Isso faz parte de um carácter que queremos construir enquanto cidadãos plenos e acordados para o que se vive.

Conclui-se com este artigo que o assunto é infundável, e que deve continuar sendo discutido na academia. A pixação é um tema caríssimo para a área de Comunicação Social, uma vez que trata de questões sociais das ruas e significados urbanos que a sociedade insiste em criminalizar e marginalizar. As possíveis vertentes de pesquisa são inúmeras, podendo tratar de criminalização, reapropriação do espaço, contexto dos pixadores, leitura da realidade, história da arte, arte urbana, o estilo musical rap e estética das letras.

O aprendizado que se tira da pesquisa é gigantesco. Mesmo tendo uma pré resposta formada sobre o tema, baseada em vivências, entrevistas e leituras, pode-se ter uma perspectiva muito mais abrangente sobre o tema. Como explicou Alexandre Barbosa em um de seus textos, olhar para a cidade nos faz entender um pouco mais sobre os pixadores, mas olhar os pixadores nos faz entender ainda mais a cidade.

### Referências

As referências devem estar de acordo com as normas da ABNT. Listar apenas as utilizadas no resumo expandido. Espaçamento simples entre elas, fonte tamanho 11.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

**Anais da II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Realizada de 15 a 17 de agosto de 2018.**



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

SILVA, Sivaldo Pereira da; PERON, Vivian. Enforcement e competências de entes reguladores da radiodifusão em dez países. **Revista Comunicação midiática**, v. 6, p. 109-130, 2011.